

# A Máquina do Mundo

com Maria Filomena Molder

Jorge Molder. Fotografia da série História Trágico-Marítima, 1992



**Agradecimentos:**

**Eduardo Jorge, Francisco dos Santos, Metropolitan de Lisboa**

**31 de janeiro**

“ao bravo gama a máquina oferta/ do mundo”\*

**7 de fevereiro**

“drummond minas pesando não cedeu”\*

**14 de fevereiro**

“dante com trinta e cinco eu com setenta—”\*

**21 de fevereiro**

“Agora, nós”

\* Versos de *A Máquina do Mundo Repensada* de Haroldo de Campos, 2000.

Foi Camões a inventar em *Os Lusíadas* a expressão “máquina do mundo”. Ela apresenta-se através do relato profético – *cosmorama* e *geodese*, feitos e desastres dos portugueses, o desconhecido que espera os descobridores – de uma deusa ao jovem capitão Vasco da Gama. Quatro séculos mais tarde, Carlos Drummond de Andrade

escreveu um poema em tercinas intitulado precisamente *A Máquina do Mundo*. Aqui, não há mediações, a máquina entreabre-se numa *estrada de minas, pedregosa*, ao olhar desalentado do poeta, que a vê fechar-se para não mais. Já no século XXI, Haroldo de Campos compõe também em tercinas, mas rimadas à maneira de Dante, o poema *A Máquina do Mundo Repensada*, no qual se exercita uma rememoração de Camões, Drummond de Andrade, sob a égide da viagem da *Divina Comédia*. Regressamos à mediação e ao maravilhamento saturnino. A leitura dos versos dos quatro poetas tem em vista desenhar um inquérito sobre o que seja a máquina do mundo: talvez um nome para o segredo da vida.

Pediremos ajuda a outros poetas e também àquilo que alguns filósofos contam (seguindo o preceito de Montaigne: “je n’enseigne pas, je raconte”), e ainda às coisas ouvidas, vistas e lembradas que vêm ter connosco no dia a dia, confiando no acaso sem o qual (de novo Montaigne) nada de nobre se pode fazer. O momento é de perigo – caminhamos na *selva oscura* de Dante – e talvez seja a hora de um balanço.

“ao bravo gama a máquina oferta/ do mundo”\*

Não é possível encontrar em Dante a ambígua estrutura agónica, que se surpreende nos *Lusíadas*, entre os deuses antigos e o Deus da fé verdadeira. Tal perplexidade atinge o seu auge no Canto X, no coração da máquina do Mundo, sob o aspecto da oposição entre os deuses que os antigos poetas e astrólogos inventaram e aos quais deram nome, e Deus: *mas o que é Deus ninguém o entende*. É uma deusa grega que o declara, ela que duas estrofes a seguir confessa o segredo: *Só para fazer versos deleitosos/ Servimos...*

A acreditar em Alain, a astronomia ajuda-nos a sair para fora da nossa esfera

privada e colectiva, ambas cegas pelas finalidades a que se sujeitam. É uma consideração astronómica ptolomaica que prepara o discurso profético de Tétis, antecedido pelas profecias da Ninfa: *Vês aqui a grande máquina do Mundo*, globo transparente colocado à altura dos olhos do Gama, que, levantando a mão, poderia tocá-lo. A Terra é o seu centro. Profecia não é adivinhar, é ler sinais nas cartas, nas de lançar e nas de marear, ler nas estrelas, é ver qualquer coisa adiante de nós.

Para além da cena religiosa de martírio e santidade de Tomé, Tétis pede a Gama que veja os actos e efeitos da dominação imperial, a abertura da *porta ao vasto mar patente*, a aventura, o perigo dos naufrágios – que já Adamastor tinha pressagiado –, os Cantos salvos. Eis a “estranha condição” (como a qualifica o Velho do Restelo) de “um bicho da terra tão pequeno”, atraído pelo desconhecido, chamado pelo profundo (sempre o mar) e que eu vejo ligado ao poço que o poeta sonda, ao cair no vazio dos seus pensamentos. Assim imagina Jorge de Sena a maldição preparatória de *Sobre os rios*, anos depois de *Os Lusíadas* terem sido publicados. Não convém esquecer, porém, que são os delírios do amor e a atracção pelas ilhas que preparam a visão da máquina do Mundo. Pedirei igualmente assistência às *Viagens do Olhar* de Fernando Gil.

Maria Filomena Molder escreve de acordo com a antiga ortografia.